

O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO UMA ABORDAGEM ANTROPOPSICANALÍTICA

José Gabriel Pereira Bastos

I. O Aquém Neurofisiológico da Psicanálise

1. A contribuição de Freud para a **superação do estatuto concedido ao conceito de representação na psicologia filosófica da consciência**, à época dominante, passa pela concepção de uma muito maior complexidade atribuída ao aparelho psíquico e à vida mental dos homens, quando comparada com aquela que lhe era reconhecida na psicologia das faculdades mentais ou com aquela que lhe virá a ser reconhecida pelas diferentes escolas de psicologia que lhe vieram a suceder (behaviourismo, gestaltismo, cognitivismo).

2. Um primeiro passo é dado por Freud no seu verbete sobre "Afasia", redigido para o *Manual* de Villaret, em 1888, quando considera que "uma palavra" não é uma **representação simples**, mas um **complexo** composto de quatro elementos, dois dos quais sensitivos e os outros dois motores", os dois mais recentes implicando, nas pessoas alfabetizadas, uma **segunda articulação entre o visual e o acústico** que viria duplicar a **articulação antropologicamente estruturante** entre a **representação de palavra** [*Wortvorstellung*] (predominantemente acústica) e a **representação de coisa** [*Sachvorstellung*] (predominantemente visual).

O Conceito de Representação

3. Na sua *Contribuição ao estudo das afasias*, de 1891, esta articulação constitutiva do campo representacional dos humanos é, pela primeira vez, contra a posição dominante à época, designada de **relação simbólica**, e a sua perturbação afásica por **assimbolia**¹, passando a relação referencial entre um objecto e a sua representação a ser designada de **relação gnósica** e a respectiva perturbação afásica por **agnósia**.

4. O contexto mais vasto desta nova problematização tem a ver com o facto de o Freud-neurólogo, no período que vai de 1887 a 1891, estar a tomar partido pelo **funcionalismo**² de Charcot, de Bastian e de Hughlings Jackson³ contra o **organicismo localisacionista** dos seus mestres Wernicke e Meynert, partido esse consubstanciado em três passos fundamentais:

– o abandono da tese destes dois mestres que estabelecia uma localização simples (isto é, biunívoca) das representações nos **elementos** do sistema nervoso e a afirmação da tese inovadora de que as representações se localizam nas **relações** entre elementos heterogéneos do sistema nervoso⁴ (visuais, acústicos, motores, tácteis, olfactivos,

¹ "J'ai recours à la dénomination *asymbolie* dans un sens différent de celui qui est d'usage depuis Finkelburg, parce que la relation entre la représentation de mot et la représentation d'objet me paraît mériter d'avantage l'intitulé de «symbolique» que celle existant entre un objet et une représentation d'objet. Les troubles de la reconnaissance d'objets que Finkelburg rassemble sous le terme d'*asymbolie*, je proposerais de les appeler *agnosie*." (Freud, <1891>, 1983: 128). "Peut-être un trouble du langage *asymbolique* sans complications (avec maintien de toutes les associations de mot) peut-il résulter d'un état purement fonctionnel de tout l'appareil du langage, puisqu'on a souvent souligné le fait que la liaison entre la représentation de mot et la représentation d'objet est la partie la plus épuisable de l'opération du langage, son point faible en quelque sort." (Freud, <1891>, 1983: 132-3).

² "Il nous semble maintenant que l'importance du facteur localisation pour l'aphasie a été exagérée et que nous ferions bien de nous occuper à nouveau des conditions fonctionnelles de l'appareil du langage." (Freud, <1891>, 1983: 155).

³ "Afin d'apprécier la fonction de l'appareil du langage dans des conditions pathologiques, nous proposons la thèse de Hughlings Jackson, selon laquelle tous ces modes de réaction représentent des cas d'*involution fonctionnelle (dis-involution)* d'un appareil hautement organisé et qui correspond à des étapes antérieures de son développement fonctionnel." (Freud, <1891>, 1983: 137). O **funcionalismo genético** de Jackson virá a constituir a fundação fisiológica da teoria psicanalítica, que Freud definirá como uma psicologia genética e social, na dimensão em que a génese psíquica depende das relações de objecto, isto é, do processo de endoculturação.

⁴ Freud retomará este pressuposto no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*: "(...) as ideias, os pensamentos e as estruturas psíquicas em geral nunca devem ser

O Conceito de Representação

etc.), localizados em áreas distantes do cortex cerebral, constituindo no seu conjunto um aparelho "vocacionado para a associação", o **aparelho da linguagem**;

– o abandono da tese de Meynert-Wernicke, pela qual o aparelho da linguagem consistiria em centros corticais distintos separados por regiões corticais sem função e ligados entre si por fibras brancas, os feixes de associação, **recusando assim uma localização separada para a representação e para a associação das representações** e apresentando uma nova hipótese pela qual a região cortical da linguagem seria constituída por uma área contínua do cérebro, em que o correlato fisiológico da representação simples não seria qualquer coisa em repouso mas, antes, qualquer coisa da ordem de um **processo** imediatamente associativo que, partindo de um ponto, não se encontraria em repouso em nenhum ponto⁵

– e, finalmente, a superação da tese "cortico-cêntrica" de Meynert, que implicava a ideia de uma reprodução "projectiva", ponto por ponto, do corpo no cortex, apresentando como alternativa, a partir das suas investigações neurológicas genéticas, a hipótese da existência não de um mas de **dois modos de "reprodução" central**, a "**projecção**", como forma de reprodução do corpo na espinal medula, e a "**represen-**

encaradas como localizadas em elementos orgânicos do sistema nervoso, mas antes, onde as resistências e as facilitações fornecem os correlativos correspondentes. Tudo o que pode ser objecto de nossa percepção interna é *virtual*, como a imagem produzida num telescópio pela passagem dos raios luminosos." (Freud, <1900>, 1972, O.P.C., V: 649).

⁵ "A présent, est-il possible de distinguer dans le corrélat physiologique de la sensation, la part de la «sensation» et celle de l'«association»? Manifestement non. «Sensation» et «association» sont deux noms, sous lesquels nous rangeons des aspects différents d'un même processus. Mais nous savons que ces deux noms sont abstraits d'un processus homogène et indivisible. **Nous ne pouvons avoir aucune sensation, sans l'associer aussitôt.** Si conceptuellement nous pouvons les distinguer aussi nettement, elles dépendent en réalité d'un processus unique qui, débutant en un endroit du cortex, se propague sur l'entiéreté de celui-ci. La localisation du corrélat physiologique est donc la même pour la représentation et pour l'association et *comme la localisation d'une représentation ne signifie rien d'autre que la localisation de son corrélat*, nous devons refuser de transférer la représentation en un endroit du cortex, l'association en un autre. Au contraire l'une et l'autre partent d'un point et ne se trouvent en repos en aucun point." (Freud, <1891>, 1983: 106-107; d.n.). É o associacionismo radical de Freud que exige a passagem do localisacionismo elementarista a um funcionalismo genético e dinâmico.

O Conceito de Representação

tação", como forma de reprodução no cortex, sendo a "representação"⁶ a forma especificamente funcional, que conteria "a periferia do corpo como um poema contém o alfabeto (...) num rearranjo que serve outros fins".⁷

5. A dimensão epistemológica subjacente a estas três rupturas tem a ver:

⁶ "La doctrine de Meynert de la structure du cerveau mérite la qualification de «cortico-centrique». (...) Tous les systèmes de fibres du cerveau mènent au cortex ou partent de lui. Toutes les masses grises sont des interruptions de ces masses de fibres sur leur chemin vers le cerveau. (...) Je voudrais maintenant faire remarquer que les nouvelles acquisitions de l'anatomie cérébrale ont réctifié certains points essentiels de la conception meinertienne de la structure du cerveau et ont mis en question le rôle qu'il attribuait au cortex. (...) il est donc souhaitable de distinguer ces deux modes de reproduction centrale en les distinguant par des noms différents. Si la reproduction dans la moelle épinière s'appelle une *projection*, peut-être est-il approprié d'appeler la reproduction dans le cortex une *représentation*, et nous dirons que la *périphérie du corps n'est pas contenue dans le cortex point par point, mais qu'elle y est représentée de façons moins détaillée par des fibres sélectionnées*. (...) Si nous observons comment, au cours du développement individuel, la myélinisation s'accomplit, morceau par morceau, d'une substance grise à l'autre, et comment pour une voie afférente trois fibres ou plus, qui ont pris des voies efférentes, émergent d'une substance grise, ce sont alors les substances grises et non les faisceaux de fibres qui nous apparaissent comme les organes indépendants du cortex. (...) nous devons alors accepter l'idée qu'une fibre sur son chemin vers le cortex a changé de **signification fonctionnelle** chaque fois qu'elle émerge d'une substance grise. (...) Nous pouvons seulement en conclure que les fibres, arrivant au cortex après être passées par les substances grises, conservent encore une relation avec la périphérie du corps, mais ne sont plus capables d'en donner une image topographiquement semblable. Elles contiennent la périphérie du corps comme un poème contient l'alphabet -pour emprunter un exemple au sujet qui nous occupe ici - dans **un réaménagement qui sert d'autres buts**, où les divers éléments topiques peuvent être associés de façon multiple, l'un d'eux pouvant y être représenté plusieurs fois, alors qu'un autre pas du tout.. Si l'on pouvait suivre en détail ce réaménagement qui s'effectue de la projection spinale au cortex cérébral, on découvrirait probablement qu'il repose sur un principe purement fonctionnel et que les facteurs topiques ne sont conservés que pour autant qu'ils concordent avec les exigences de la fonction." (Freud, <1891>, 1983: 96-103; d.n.).

⁷ A forma superior da oposição entre "projecção" e "representação", no nível fisiológico, será apresentada, no nível psicológico, como oposição entre «realidade material» e "realidade psíquica": "Se olharmos os desejos inconscientes reduzidos à sua mais fundamental e verdadeira forma, teremos de concluir, fora de dúvida, que a realidade *psíquica* é uma forma especial de existência que não deve ser confundida com a realidade *material*." (Freud, <1900, 1914>, 1972, OPC, V: 658-659)

O Conceito de Representação

– por um lado, com a recusa de reconhecer a existência de uma **relação de causalidade** entre a cadeia dos processos fisiológicos e os processos psíquicos⁸, o que obrigaria a ter o cuidado de não confundir a linguagem da fisiologia e a linguagem da psicologia e, *a la limite*, a evitar quer a simplificação psicologicizante dos processos fisiológicos quer a redução organicista do psicológico ao fisiológico⁹, redução essa que representava a aposta máxima das ciências antropológicas da época, constituindo-se como o cerne do pacto epistemológico estabelecido pelos mestres da escola fiscalista de Berlim (DuBois-Reymond, Brücke, Helmholtz, etc.)¹⁰

– e, por outro lado, com a recusa de aceitar a redução do humano ao animal, sem **reconhecimento da especificidade inerente ao salto antropológico** derivado do acesso a esse segundo modo de representação da experiência e do mundo que é a linguagem¹¹ e, nomeadamente, a linguagem poética¹².

⁸ "La chaîne des processus physiologiques dans le système nerveux ne se trouve probablement pas dans un rapport de causalité avec les processus psychiques." (Freud, <1891>, 1983: 105).

⁹ Freud reafirmará esta dimensão ao referir quer a relativa independência da vida mental em relação ao "corpo" quer a acção da mente sobre o corpo, que eram denegadas pelo materialismo biológico oitocentista (Freud, <1890>, 1972, OPC, II: 298). Cf. O. P. C., vol. VII. O facto de estas duas dimensões se apresentarem aumentadas nos homens constitui um dos indicadores do salto antropológico. A atenção dada por Freud ao salto antropológico constitui-o como o principal continuador de Darwin na área das ciências sociais. Tal como Darwin, e influenciado por aquele, Freud vê na 'expressão das emoções' o principal indicador da acção da mente sobre o corpo (Freud, <1890>, 1972, OPC, II: 300-301 e Breuer e Freud, <1895> in Freud, OPC, II: 230-231).

¹⁰ O que não impede a orientação integrativa, contra-autárcica e, portanto, antropológica, que torna a psicanálise uma teoria bio-psico-sócio-cultural, em que "a **investigação psicológica** pode esclarecer a biologia da vida sexual do homem" e conduzir "sob vários e importantes aspectos, a opiniões e descobertas que divergem grandemente daquelas que se baseiam em considerações biológicas" (Freud, <1905>, 1972, OPC, VII: 130; d. n.) (meramente reducionistas, na medida em que não têm em conta o aumento de complexidade inerente ao salto antropológico, acrescentamos nós). *Mutatis mutandis*, o mesmo virá a ser afirmado quanto à dimensão sócio-cultural, em obras posteriores.

¹¹ (...) la périphérie du corps n'est absolument plus *contenue* dans les parties supérieures du cerveau, tout comme dans le cortex, de *façon topique*, mais qu'elle l'est *uniquement de façon fonctionnelle*. **Il est vrai que l'expérimentation faite sur les animaux masque ce fait, car elle ne peut donner rien d'autre qu'une relation topique.**" (Freud, <1891>, 1983: 103; d.n.).

¹² A assimilação do pensamento inconsciente à linguagem poética e do pensamento consciente à linguagem prosaica é expressa em *Sobre os sonhos*: "Os pensamentos

O Conceito de Representação

A passagem da simples "projecção", postulada por Meynert, ao binómio "projecção" seguido de "representação" da periferia do corpo no cortex cerebral constituiria assim uma marca específica do salto antropológico e da correspondente **complexificação** do sistema nervoso.

II. A Psicanálise no Interior das suas Fronteiras Psicossociais

6. Ao contrário do que é comumente aceite, os passos seguintes da obra psicossociológica de Freud retirarão todas as ilações das suas investigações neurofisiológicas inovadoras, com a transposição da sua **epistemologia genética e estrutural-dinâmica** da neurofisiologia para a psicologia mental e social, a partir da descoberta dos **dois modos de funcionamento da vida mental**, isto é, da descoberta dos dois modos de representação do mundo externo e da experiência organísmica e interpessoal – aquilo a que poderíamos chamar o modo prosaico e o modo poético, o modo realista e o modo onírico-fantasmático¹³ ou ainda, para utilizar a distinção de Durkheim, o modo profano e o modo sagrado, em que o polo poético, onírico-fantasmático, sagrado corresponde ao novo do salto antropológico, o lado "demens" do "homo sapiens", que a epistemologia reducionista se empenhava em ocultar.

7. A **representação** aparece assim, desde o início, conceptualizada como a forma da aquisição desse grau superior de liberdade, inerente ao salto antropológico, que se constitui como a condição de possibilidade da **emergência do desejo no interior da realidade**, isto é, como a pré-condição da condição humana, cultural e civilizacional¹⁴, que irá

oníricos que em primeiro lugar encontramos à medida que avançamos com nossa análise, frequentemente nos impressionam pela forma inusitada em que são expressos: eles não se acham vestidos na prosaica linguagem costumeiramente empregada por nossos pensamentos mas, pelo contrário, são representados simbolicamente por meio de símiles e metáforas, em imagens semelhantes às do discurso poético." (Freud, <1901>, 1972, OPC., V: 698).

¹³ Freud associa o "método primário de funcionamento do aparelho psíquico" ao seu funcionamento alucinatório, iminentemente visual, em que representação e realidade são uma e a mesma coisa. A realização do desejo coincide, nesta dimensão, com a sua representação alucinatória o que permite perceber, em simultâneo, porque é que os sonhos são um processo privilegiado de realização de desejos e porque é que, por outro lado, eles se constituem como e dotado de crença na sua realidade, isto é, como "**delírios**" normais (Freud, <1900>, 1972, OPC. V: 604).

¹⁴ A ideia que se trata de uma aquisição normal, complexificadora e inerente ao salto antropológico encontra-se, por exemplo, nas páginas finais da *Interpretação dos*

O Conceito de Representação

para além da actividade impulsiva, abrindo o acesso quer à actividade contra-logicamente expressiva quer à actividade crítica que lhe são específicas, enquanto formas típicas do **desejo de verdade**.

A formulação lapidar inerente a este segundo salto teórico aparecerá, em 1899, numa carta a Fliess: "*Realidade e realização do desejo: é desses opostos que emerge nossa vida mental.*"¹⁵ Dito de outro modo e para os fins que nos reuniram aqui "Realidade e realização do desejo: é desses opostos que emergem as nossas representações" – isto é, há que falar de representação no plural, distinguindo as **representações de realidade**, predominantemente objectivas, das **representações de desejo** [*Wunschvorstellung*], predominantemente objectivantes, o que não é fácil se tivermos em conta que as representações de desejo tendem a fazer-se passar por representações de realidade¹⁶, dando

sonhos: "(...) o mecanismo psíquico empregado pelas neuroses não é criado pelo impacto de uma perturbação patológica sobre a mente, mas já se acha presente na estrutura normal do aparelho mental. (...) a composição do aparelho de duas instâncias torna possível também à mente normal funcionar com maior delicadeza do que seria possível com apenas uma delas." (Freud, <1900>, OPC., V: 646-647).

¹⁵ Carta de Freud a Fliess, de 19 de Fevereiro de 1899, in J. F. Masson, <1985>, 1986: 346. Para a definição de desejo, cf. Freud, <1900>, OPC. V: 603 e 636-637). Desde cedo Freud ligará a realização de desejos aos modos primários do funcionamento infantil e ao jogo, enquanto criação ou reordenação de mundos próprios: "Será que deveríamos procurar já na infância os primeiros traços de actividade imaginativa? A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brincar ou os jogos. Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrada? Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e dispõe na mesma muita emoção. **A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real.**" (Freud, <1908>, OPC., IX: 149; d. n.). A substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade passa por uma alteração da economia funcional do ego (do ego-prazer que "nada pode fazer a não ser querer, trabalhar para produzir prazer e evitar o desprazer" para o ego-realidade que "nada necessita fazer a não ser lutar pelo que é útil e resguardar-se contra danos", utilizando para isso o adiamento, a substituição e o esforço). (Cf. Freud, <1911>, IPC., XII: 2982-283). Freud designará posteriormente o ego-realidade como ego de segurança (1930), o que já se encontrava implícito nas definições iniciais: "Na realidade, a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição daquele, mas apenas sua **proteção**. Um prazer momentâneo, **incerto** quanto a seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar mais tarde, ao longo do novo caminho, um **prazer seguro.**" (idem: 283; d. n.)

¹⁶ "A característica mais estranha dos processos inconscientes (reprimidos) (...) deve-se ao seu inteiro desprezo pelo teste de realidade: eles equiparam a realidade do pensamento com a realidade externa e os desejos com a sua realização – com o

O Conceito de Representação

origem às **fantasias e crenças pessoais** e, sobretudo, aos **delírios sociais** que constituem o cerne da vida cultural dos humanos, constituindo-se como "ideias excessivamente intensas" na área da consciência e da vida sócio-cultural.

8. Podemos agora entrar no território da psicanálise, tal como ela é comumente conhecida, isto é, como uma **teoria estrutural-dinâmica da vida mental** e sócio-cultural dos humanos.

A vida psíquica é plural, formada por "grupos psíquicos separados"¹⁷ e "estratificados" que podem cooperar ou dar origem ao conflito psíquico. As **representações** fortemente investidas por um primeiro modo de funcionamento de vida mental – o pensamento inconsciente – e que tendem a constituir-se como "ideias excessivamente intensas"¹⁸, podem revelar-se **incompatíveis** com a coerência interna de uma outra instância, organizada predominantemente a partir de um segundo modo de funcionamento da vida mental, que transforma as "ideias poderosas" em "ideias fracas", de molde a possibilitar a operação da função de síntese.

É o caso das relações entre o Ego e o Inconsciente. "A tarefa que o ego se coloca, em sua atitude defensiva, de tratar a representação incompatível simplesmente como '*non-arrivé*', não pode ser cumprida. Tanto os traços de memória como o afeto referente à ideia lá estão de uma vez por todas e não podem ser erradicados. Mas é possível chegar a um cumprimento aproximado da tarefa, se o ego loga tornar fraca essa poderosa ideia, privando-a do afeto – a soma de excitação – do qual está carregada. A ideia fraca não terá então virtualmente nenhuma exigência a fazer quanto ao trabalho de associação. *Mas a soma de excitação que tenha sido retirada dela tem que ser utilizada de outra forma.*" (Freud, <1894>, 1976: 60-61).

9. Não sendo possível tratar a representação incompatível como '*non-arrivé*' (o que se constituiria como um equivalente psíquico da fuga motora), a denegação é substituída pelo recalçamento pelo ego das "ideias excessivamente intensas" que se apresentam como **representações incompatíveis** com "a massa dominante de ideias" que consti-

facto – tal como acontece automaticamente sob o domínio do antigo princípio de prazer." (Freud, <1911>, OPC, XII: 285).

¹⁷ Freud, in Breuer e Freud, 1895, in O.P.C., 1969, II: 171.

¹⁸ Freud, <1905>, 1972: 51 e 52.

O Conceito de Representação

tuem o ego¹⁹, dando origem à formação de "símbolos mnémicos" que formam o núcleo de um segundo "grupo psíquico", inconsciente, intemporal e activo, núcleo esse que virá, por um lado, a atrair para si, ao longo da vida posterior, todas as representações que apresentem algum grau de semelhança com a representação inicialmente recalçada e, por outro, a procurar o caminho da expressão e do acesso indirectos e disfarçados à consciência, à motricidade e à expressão sócio-cultural.

10. O retorno, na direcção da expressão motora, imagética e verbal, de molde a viabilizar a **realização de desejos**²⁰ recalçados, que se virá a aproveitar da fragilidade do elo que une as representações de coisa às representações de palavra²¹, obrigará a actividades especiais de **elaboração psíquica inconsciente** e à utilização de **meios especiais de representação**, tendendo a seguir os caminhos da **representação indirecta**²² e **disfarçada**²³ e, nomeadamente, da **representação pictórica ('dramatização')**²⁴, da **representação pelo contrário**²⁵ e **por inversão**²⁶, da

¹⁹ Freud, in Breuer e Freud, 1895, in O.P.C., 1969, II: 164. A formação de grupos psíquicos separados cria uma condição cognitiva de tipo novo – "a situação peculiar de saber, e ao mesmo tempo de não saber" (idem:214), um "não-saber" que é, "de facto, um não querer saber" mais ou menos consciente (idem: 326).

²⁰ Embora o conceito de narcisismo ainda não esteja presente nas obras iniciais, convém salientar que o modelo ontogenético nos obriga a pesquisar qual é o desejo infantil. Para Freud, a resposta é clara: "O brincar da criança é determinado por desejos: de facto, por um único desejo – que auxilia o seu desenvolvimento -, o desejo de ser grande e adulto." (Freud, <1908>, OPC., IX: 151).

²¹ "Com respeito à neurose obsessiva, encontrei uma confirmação de que o local em que irrompe o recalçado é a *representação de palavra*, e não o conceito ligado a ela (mais precisamente, na memória da palavra). Daí serem as coisas mais díspares prontamente reunidas numa ideia obsessiva, sob a égide de uma só palavra de sentidos múltiplos. A tendência à irrupção se vale dessas palavras ambíguas, como se matasse vários coelhos de uma só cajadada. (,,) As ideias obsessivas frequentemente se revestem de uma *indefinição verbal*, a fim de permitir esse desdobramento múltiplo." (Freud, carta a Fliess de 22 de Dezembro de 1897, in Masson, idem: 288-289).

²² Freud, <1901>, OPC., V: 722. Em *Os chistes e a sua relação com o inconsciente*, Freud acrescentará a representação por uma alusão e a representação por algo de insignificante. Cf. Freud, <1905>, OPC, VIII: 108.

²³ Freud, <1900>, OPC., V: 374. Freud, OPC, V: 367.

²⁴ Freud, <1901>, OPC., V: 692.

²⁵ Freud, OPC, IV: 339 e V: 500 e 503.

²⁶ Freud, OPC, IV: 347-349.

O Conceito de Representação

representação pela forma²⁷, da representação por condensação, identificação ou "representação" (delegação transferencial)²⁸, da representação por deslocamento a partir de associações "externas" ou "superficiais"²⁹ e/ou do aproveitamento da ambiguidade estrutural do material verbal³⁰ e da representação simbólica (*stricto sensu*)³¹.

Em textos de maior profundidade teórica, Freud tenderá a integrar no conceito de **representação simbólica**³² (*lato sensu*) todas estas variantes da "unificação", que decorrem do facto de que "uma e somente uma dessas relações lógicas é muito altamente favorecido pelo mecanismo de formação do sonho: a saber, a relação de similaridade, consonância ou aproximação – a relação de 'do mesmo modo que'." (OPC., IV: 340)

11. A realização de desejos entretece uma relação complexa com o eixo temporal, na medida em que os desejos, mobilizados para corrigir o que no presente se constitui como realidade insuportável, por um lado, representam as satisfações da infância, mas, por outro lado,

²⁷ Freud, OPC, IV: 350-354.

²⁸ Freud, OPC, IV: 308. A representação aparece aqui na sua segunda acepção de "delegação", de tal modo que uma pessoa aparece "representada" como "representante" de muitas outras que mantiveram o mesmo tipo de relação com os desejos do sujeito.

²⁹ Freud, OPC, V: 367. "Tem sido encarado como um sinal infalível de que uma associação não está sendo influenciada por ideias intencionais se as associações (ou imagens) em questão parecem ser interrelacionadas segundo aquilo que é descrito como maneira 'superficial' – por assonância, ambiguidade verbal, coincidência temporal sem ligação no significado ou por qualquer associação da espécie que permitimos em chistes ou em jogos de palavras. (...) A razão real para a prevalência das associações superficiais não é o abandono das ideias intencionais, mas sim a pressão da censura. Associações superficiais substituem as profundas se a censura torna intransitáveis os caminhos normais de ligação." (Freud, 1900, OPC. V: 565-566). Acerca da importância do deslocamento, como "a mais notável das realizações especiais da elaboração onírica", cf. Freud, <1901>, OPC, V: 710.

³⁰ Freud, OPC, V: 362-363. Em 1905 Freud mostrará como a relação simbólica entre a representação de coisa e a representação de palavra pode ser manejada na elaboração psíquica a favor da poupança de dispêndio psíquico com a manutenção dessa mesma relação, levando a que as palavras sejam tratadas como coisas (semelhantes), a partir de 'associações externas' por consonância e não de 'associações internas', que passam pelo sentido. Cf. Freud, <1905>, OPC., VIII: 141-142.

³¹ Freud, <1900>, OPC, V: 375 e Freud, <1901>, 1969: 202, 213, 214, 252 e 328.

³² Freud, OPC., V: 722.

O Conceito de Representação

orientam-se predominantemente para o futuro³³ – para um futuro que não será semelhante ao passado, na medida em que a realização de desejos será indirecta e deslocada. "*Dessa forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une.*"³⁴

12. A análise da formação dos sonhos levará Freud a dar particular importância a uma resultante da complexidade estrutural do aparelho psíquico dos humanos, associada à **dupla tradução do verbal no visual (ou "dramatização") e do visual no verbal (ou "comunicação")**, que já tinha emergido na sua análise da formação dos sintomas e que será retomada na análise da formação de parapraxias, de chistes e de textos literários e míticos – refiro-me às "**considerações pela representabilidade**" [*Rücksicht auf Darstellbarkeit*], inerentes à representação indirecta e disfarçada dos desejos recalcados, considerações pela representabilidade essas que pluralizam os "meios de expressão" de um modo absolutamente desconhecido dos teóricos da psicologia da consciência, dos hermeneutas, dos estruturalistas e dos cognitivistas.

13. A existência de dois modos de funcionamento da vida mental e a formação de grupos psíquicos separados e ontogeneticamente estratificados, que podem entrar em conflito, conduz Freud à diferenciação, por um lado, entre a **função criativa**³⁵ e a **função defensiva** da

³³ "(...) o sonho, ao fim da laboriosa tarefa de traduzi-lo, revelou-se ao autor como sendo a representação da realização de um desejo do sonhador; e quem poderá negar que os desejos se orientam predominantemente para o futuro?" (Freud, <1907>, OPC., IX: 17)

³⁴ "A relação entre a fantasia e o tempo é, em geral, muito importante. É como se ela flutuasse entre três tempos – os três momentos abrangidos pela nossa ideação. O trabalho mental vincula-se a uma impressão actual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito. Dali, retrocede à lembrança de uma experiência anterior (geralmente da infância) na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo. O que cria então é um devaneio ou fantasia, que encerra traços de sua origem a partir da ocasião que o provocou e a partir da lembrança. Dessa forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une." (Freud, <1908>, OPC., IX: 153).

³⁵ A atenção dada à **função criativa** da mente constitui-se como uma marca distintiva da psicologia psicanalítica. No nível teórico, coincide com a afirmação de que "os desejos inconscientes são sempre **ativos**" (Freud, <1900>, op. V: 615; d. n.) e "**esforçam-se claramente por se tornarem eficazes também durante o dia** (...) eles lutam por abrir caminho [até] à consciência através do sistema pré-consciente e para obter controle do poder de movimento." (idem: 604; d.n.). O que caracteriza

O Conceito de Representação

mente³⁶ e, por outro lado, entre **intenção inconsciente** e intenção consciente³⁷, uma vez que o funcionamento psíquico é sempre intencional³⁸ e orientado, no caso do pensamento inconsciente, por "**representações-meta**" [*Zielvorstellung*], constituídas por "representações de desejo" [*Wunschvorstellung*], ou por "fantasmas inconscientes", funcionando como "elementos indutores, capazes de organizar, de orientar o curso das associações."³⁹

14. As ideias excessivamente intensas são desde cedo consideradas como os **representantes psíquicos** [*Vorstellungrepräsentant*] de fontes endossomáticas e contínuas de excitação⁴⁰ dotadas de grande "importância emocional"⁴¹, as pulsões eróticas e agressivas⁴², que se

a função criativa da mente (utilizando para ela o modelo do sonho, que constitui o seu protótipo) "é a missão de colocar de volta sob o controle do pré-consciente a excitação do Inc. que foi deixada livre" e, para isso "constitui um acordo" (ou formação de compromisso). (idem: 617).

- ³⁶ Freud <1900>, OPC, IV: 155. Convém tomar em consideração que a "função criativa" da mente tem a ver com as experiências mais antigas (e, nomeadamente com as vivências primárias de satisfação que nucleiam os desejos) e que a "função defensiva" da mente tem a ver com as experiências mais recentes (OPC, IV: 232-233), pelo que a "formação de compromisso", típica da vida onírica representa a contribuição feita à necessidade de ultrapassar as dificuldades do presente pelas "soluções" encontradas no mais arcaico passado ontogenético. Estas duas funções, por sua vez, parecem corresponder a **dois tipos de desejos do ego** (isto é, a dois tipos de narcisismo) (IV: 265, 283, 287, 343) – o tipo infantil que procura a satisfação irrestrita dos desejos, numa base iminentemente representacional (em que a representação adquire as características da realidade e a substitui) e o tipo pós-infantil, que subordina a satisfação irrestrita dos desejos ao desejo de manter os seus vínculos sociais e de realizar, na realidade, uma parte importante dos desejos infantis, sob forma socialmente aceite e valorizada.
- ³⁷ Freud, <1901>, 1969: 104.
- ³⁸ Freud, <1900>, OPC. V: 563.
- ³⁹ Laplanche e Pontalis, <1967>, 1970: 587-588.
- ⁴⁰ Freud, <1905>, 1972: 171. A citação corresponde a uma extensão do texto inicial, intercalada na 3ª edição, de 1915.
- ⁴¹ Freud, <1905>, 1972: 166.
- ⁴² "Em pessoas saudáveis, os sentimentos e impulsos egoístas, invejosos e hostis, que estão submetidos à pressão da educação moral, usam com frequência o caminho fornecido por parapraxias para exprimirem de alguma maneira sua força, que inegavelmente existe mas que não é reconhecida pelas instâncias mentais superiores.. (...) Entre esses impulsos suprimidos não é pequeno o papel desempenhado pelas correntes sexuais." (Freud, <1901>, 1969: 329.

O Conceito de Representação

tendem a combinar para dar origem ao narcisismo⁴³, à pulsão de domínio⁴⁴ e à "omnipotência do pensamento"⁴⁵ e, que, no seu conjun-

⁴³ Embora o suposto 'pan-sexualismo' de Freud seja um dos mais conhecidos clichés sobre a psicanálise, desde muito cedo o narcisismo se tornará o motivo central da vida psíquica, lado a lado com o desejo de segurança. "Gostaria de deixar estabelecido que sonho algum é impelido por outros motivos que não sejam os egoístas." (Freud, <1901>, OPC., V: 703.

⁴⁴ A **pulsão do saber ou da pesquisa** será conceptualizada por Freud como um derivado, por sublimação, da **pulsão de domínio**, a pulsão narcísica, por excelência. (Freud, <1905>, 1972: 199-200). A pulsão de saber (que tem como uma das suas primeiras formas a curiosidade sexual infantil) e o narcisismo transcendem "os componentes pulsionais elementares", (sexuais e agressivos), na medida em que se prestam melhor à assumpção da solidão e de "uma atitude independente no mundo" (Freud, <1905>, 1972: 202-203) bem como à sublimação civilizacional. A afirmação de que "a libido é invariavelmente e necessariamente de natureza masculina", isto é, "activa", deve ler-se, neste contexto, como uma afirmação de que a mente humana é "invariavelmente e necessariamente activa", orientada pelas pulsões de domínio e de saber, narcísica, isto é, em qualquer grau, civilizacional (Freud, <1905>, 1972: 226), o que não impede o reconhecimento da dimensão regressiva do ego, e da sua susceptibilidade à inibição, reforçada pela formação do **tipo de superego** em que a "censura" é prevalecente sobre o "ideal do ego" e a "auto-observação" é posta ao serviço da censura e não do ideal. (o superego "adaptativo" e/ou neurótico).

Um outro passo no movimento da individuação consiste no "desligamento da autoridade dos pais, um processo que, sózinho, torna possível a oposição tão importante para o **progresso da civilização**, entre a nova geração e a velha." (Freud, <1905>, 1972: 234; d.n.).

Representação pulsional, representação de desejo, narcisismo, dimensão activa ou libidinal do ego, rebelião contra o sofrimento físico e mental (Freud, <1904, 1953>, 1972: 322-323), pulsão de domínio, pulsão de saber, sublimação, individuação, tabu do incesto (Freud, <1905>, 1972: 232), recalçamento dos impulsos primários (Freud, <1904, 1953>, 1972: 325), investimento societal identitário, oposição intergeracional (isto é, desidealização parental seguida de reinvestimento narcísico), oposição interclassista (Freud, <1890>, 1972: 300-301), estabelecimento de unidades sociais superiores (Freud, <1905>, 1972: 232) e progresso da civilização são alguns dos conceitos que especificam a **série progressiva ou de desenvolvimento**, a qual não poderá prescindir do investimento libidinal, da elaboração onírico-fantasmática e da regressão criativa ("ao serviço do ego", na acepção de Ernest Kris), para produzir a **renovação expansiva do campo antropológico** que Freud conceptualiza como uma função do predomínio normal das pulsões de vida sobre as pulsões de morte. Desde o trabalho de Pierre Clastres que é sabido que não só os sujeitos mas também os grupos sócio-históricos podem lutar contra a pulsão de desenvolvimento, o que retira a esse mesmo desenvolvimento a sua **dimensão "mecânica"**, ultrapassada pela **dimensão dramática e problemática** que especifica o salto antropológico. O genocídio, no entanto, como a análise histórica revela, representa a forma antropológica da dimensão mecânica da pulsão de desenvolvimento que veio substituir a selecção natural darwiniana.

O Conceito de Representação

to, podem ser desviadas dos seus objectivos primários para objectivos novos, civilizacionais, através do processo designado por "sublimação"⁴⁶.

Através do **processo de representação psíquica**, as pulsões adquirem, no nível da representação mental, um **sentido**, uma **motivação**⁴⁷ e um **propósito inconscientes**⁴⁸, tornando o **pensamento tendencioso**⁴⁹ e

⁴⁵ "Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte de seus atributos: a uma parcela do **sentimento de onnipotência** ou ainda das **inclinações vingativas ou agressivas** da sua personalidade. Além das exigências da vida, foram sem dúvida os seus sentimentos familiares derivados do **erotismo** que levaram o homem a fazer essa renúncia, que tem progressivamente aumentado com a evolução da civilização." (Freud, <1908>, OPC., IX: 192; d.n.).

⁴⁶ Freud, <1905>, 1972: 182. É o facto de as **representações** de desejo corresponderem a **representantes** pulsionais susceptíveis de serem civilizacionalmente sublimados por reorientação narcísica que estabelece a inseparabilidade do arco bio-psico-sócio-cultural que dá à psicanálise a sua dimensão epistemológica integrativa, isto é, antropológica *lato sensu*. O investimento mental dos processos somáticos, integrado teoricamente pelo conceito de "**representação mental**" da pulsão, é mediado pela introdução do conceito de libido, que permite passar do estudo da sexualidade (biológica ao estudo antropológico da psicosexualidade: "Alcançaremos assim a ideia de uma quantidade de libido, a cuja **representação mental** daremos o nome de 'libido do ego' e cuja produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento devem propiciar-nos possibilidades de explicar os fenómenos psicosexuais observados. (...) Em contraste com a libido de objecto, também descreveremos a libido do ego como 'libido narcísica'." (Freud, <1905, 1915>, 1972: 223-224; d. n.).

⁴⁷ Freud, <1901>, 1969: 217.

⁴⁸ Freud, <1901>, 1969: 201, 210 e 220. "Duvido que estejamos em condições de empreender qualquer coisa sem ter uma intenção em vista. Se não solicitamos nosso aparato mental no momento de prover uma de nossas satisfações indispensáveis, pertimos-lhe operar na direcção do prazer e procuramos derivar prazer de sua actividade. Suspeito que em geral é essa a condição que governa a ideação estética (...)." (Freud, <1905>, OPC., VIII: 115).

⁴⁹ Freud trabalha os "chistes tendenciosos" em *O chiste e a sua relação com o inconsciente* (1905), opondo-os aos "chistes não-tendenciosos" ou "inocentes" (baseados no prazer da forma) e reconhecendo neles duas tendências – as tendências hostis ou agressivas e as tendências "obscenas" ou sexuais. Cf. OPC., VIII: 116 e 121. As tendências narcísicas, não directamente mencionadas, aparecem a propósito da rebelião contra a autoridade e contra as instituições e do ataque "aos inferiores, às pessoas indefesas (idem: 125 e 129) bem como a propósito da "ambiciosa vontade de mostrar sua inteligência, exhibir-se (...)" (idem: 166). Em 1908, os desejos narcísicos começam a ser enunciados: "As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda a fantasia é a **realização de um desejo, uma correcção da realidade insatisfatória**. Os desejos motivadores variam de acordo com o sexo, o carácter e as circunstâncias da pessoa que fantasia, dividin-

O Conceito de Representação

despertando, entre outros, os **sentimentos**⁵⁰ que virão a ser recalçados, ao serviço da segurança e do desenvolvimento pessoal e civilizacional.

Deste modo, Freud dá a sua solução para o problema fulcral da relação corpo-mente. Não se trata de uma relação de causalidade, nem de uma relação de paralelismo, mas de uma **relação expressiva bidireccional indirecta** – as pulsões dão origem às representações de desejo, às ideias excessivamente intensas e aos sentimentos, que em vez de acederem directamente à consciência, podem, em certos casos, ser obrigadas pelo recalçamento a um **trajecto regressivo**, ao serviço da defesa psíquica, da defesa da relação de objecto e da defesa da cultura e/ou do processo civilizacional.

Este trajecto regressivo tanto pode desembocar no seu **reinvestimento somático**, dando origem a símbolos mnémicos (por "conversão somática") como pode conduzir ao **relançamento do processo expressivo**, agora profundamente complexificado pela **associação desejante**, pela **dupla tradução** (do verbal no visual e do visual no verbal) e pela **passagem da representação directa à representação indirecta e disfarçada**, até mesmo para a consciência do sujeito – aquilo a que chamámos recentemente de **actividade contra-logíca expressiva**, em que a criatividade predomina sobre o conhecimento.

15. A atenção dada às complexidades dos meios de expressão conduz Freud para além da psicologia da vida mental, ao encontro de uma **psicologia social**, com ela estreitamente articulada e integrada, a qual englobará todos os níveis da vida social e dos processos civilizacionais.

Trata-se, uma vez mais, de uma **psicologia bidireccional**, mas agora articulando a **tradição cultural** com a **elaboração psíquica**. Por um lado, grande parte dos meios de expressão indirecta socorrem-se do

do-se naturalmente em dois grupos principais: ou são **desejos ambiciosos**, que se destinam a elevar a personalidade do sujeito, ou são desejos eróticos." (Freud, <1908>, OPC., IX: 152; d.n.). "(...) 'Nada *me* pode acontecer!' Parece-me que, através desse sinal de invulnerabilidade, podemos reconhecer de imediato Sua Majestade, o Ego, o herói de todos os devaneios e de todas as histórias." (idem: 155).

⁵⁰ "Enquanto lidarmos apenas com lembranças e ideias, permaneceremos na superfície. Só os sentimentos têm valor na vida mental. Nenhuma **força mental** é significativa se não possuir a característica de despertar sentimentos. As ideias só são reprimidas porque estão associadas à liberação de sentimentos que devem ser evitados. Seria mais correcto dizer que a repressão age sobre sentimentos, mas só nos apercebemos destes através de sua associação com as ideias." (Freud, <1907>, OPC., IX: 55; d.n.).

O Conceito de Representação

uso linguístico⁵¹ e das características estruturais das línguas (como é o caso da polissemia e da ambiguidade), bem como, em geral, de expedientes alusivos já anteriormente presentes em "chistes, citações, canções e provérbios"⁵² e, ainda, de um tipo de simbolismo (*stricto sensu*) também presente nos elementos constituintes das culturas populares e 'primitivas' estudadas por folkloristas e por etnólogos⁵³.

Mas se as línguas e as culturas fornecem muitos dos **materiais** simbólicos que serão utilizados pela elaboração psíquica, ao serviço do compromisso entre a função criativa e a função defensiva, será a análise da elaboração onírica que fornecerá a chave para a análise dos sistemas culturais.

Para Freud, os **sistemas culturais** (as 'visões do mundo' ou delírios sociais) parecem apresentar o mesmo modo de formação, em dois tempos, que é característico dos sonhos, com um **processo de elaboração (social) primária**, inconscientemente motivado e orientado para a realização disfarçada de desejos recalcados, e com um **processo de 'revisão (cultural) secundária'**⁵⁴, que os recobre de um 'novo significado', que permite a sua **racionalização sócio-cultural**. A sua análise deve pois discriminar os dois tipos de "razões" que presidem à formação de cada um dos seus elementos ou produtos – a **razão consciente**, "baseada nas premissas do sistema (que pode ser delirante)" e a **razão inconsciente** (a sua "razão oculta, verdadeiramente operante e real")⁵⁵.

⁵¹ Freud, OPC, V: 364 e 413-414.

⁵² Freud, OPC, V: 367 e 724.

⁵³ Freud, <1900, 1909>, OPC, V: 374.

⁵⁴ "A projecção de seus próprios impulsos maus sobre os demónios é apenas uma das partes de um sistema que constituía a *Weltanschauung* [visão do universo] dos povos primitivos e que viremos a conhecer como 'animismo' no ensaio seguinte. (...) o protótipo de todos esses sistemas é aquilo que denominamos de 'revisão secundária' do conteúdo dos sonhos. E não devemos esquecer que, durante e após a fase em que os sistemas são construídos, dois conjuntos de razões podem ser atribuídos a cada acontecimento psíquico que é conscientemente julgado – um deles pertencente ao sistema e o outro, real, mas inconsciente." (Freud, <1912-13>, OPC., XIII: 86-87)

⁵⁵ "Assim, um sistema é melhor caracterizado pelo facto de pelo menos duas razões poderem ser descobertas para cada um de seus produtos: uma razão baseada nas premissas do sistema (uma razão que pode, então, ser delirante) e uma razão oculta, que devemos julgar como sendo a verdadeiramente operante e real." (Freud, <1912-13>, OPC., XIII: 119). Para uma análise cultural heurísticamente renovadora, fundada nos pressupostos freudianos, conferir Theodor Lidz e Ruth Wilmanns Lidz, *Oedipus in the Stone Age, a Psychoanalytic Study of Masculinization in Papua New Guinea*, Madison, International Universities Press, 1989.

O Conceito de Representação

E isto na medida em que, dada a estrutura do aparelho psíquico, as **motivações conscientes** e as **racionalizações** servem de cobertura para as **motivações inconscientes** e para os **desejos arcaicos** que põem aquelas ao seu serviço, tanto do ponto de vista da expressão como do ponto de vista do disfarce e da ocultação, o que obriga a tomar em consideração, na sua análise, a **motivação dupla das fantasias**⁵⁶ e das **decisões pessoais e sociais** bem como a **construção de pretextos conscientes para acções** que são motivadas em grande parte pelo recalcado.⁵⁷

16. Por outro lado, a tomada em consideração da **economia psíquica** (isto é, da tendência para a poupança do dispêndio psíquico)⁵⁸ e da **tendência do aparelho psíquico para a busca de prazer**⁵⁹, permitem a Freud o alargar do horizonte da análise, levando-o a evidenciar que quer a passagem de criança a adulto⁶⁰, a nível pessoal,

⁵⁶ "(...) a origem e a natureza das **fantasias precursoras de delírios**. Elas são substitutos e derivados de lembranças reprimidas que não conseguem atingir a consciência de forma inalterada, devido a uma resistência, mas que podem alcançar a possibilidade de se tornarem conscientes levando em consideração, por meio de mudanças e distorções, a censura da resistência. Uma vez realizada essa conciliação, as lembranças reprimidas transformam-se em fantasias que com facilidade poderão ser compreendidas erroneamente pela personalidade consciente – isto é, compreendidas de modo a se adaptarem à corrente psíquica dominante." (Freud, <1907>, OPC., IX: 64; d.n.).

⁵⁷ Se tivéssemos a tentação auto-protectora de considerar que este é apenas o modelo psicopatológico da formação de fantasias e de acções motivadas em grande parte pelo recalcado, Freud rapidamente nos tiraria essas ilusões protectoras: "Não é preciso que uma pessoa sofra de um delírio para se comportar de forma análoga. Ao contrário, uma pessoa, mesmo saudável, pode com frequência enganar-se quanto aos motivos de um acto, tomando consciência dos mesmos só depois do evento; para tanto só é necessário que um conflito entre as diversas correntes de sentimentos crie as condições para tal confusão." (Freud, <1907>, OPC., IX: 71). Aliás, como veremos, os delírios não são apenas psicopatológicos; eles são também a derivada normal da condição narcísica e, portanto, da vida social dos homens.

⁵⁸ "(...) tanto para erigir como para manter uma inibição psíquica se requer alguma 'despesa psíquica'. (...) 'a economia na despesa relativa à inibição ou à supressão' parece ser o segredo do efeito de prazer dos chistes tendenciosos e se transmite ao mecanismo dos chistes inocentes." (Freud, <1905>, OPC., VIII: 140-141).

⁵⁹ "A necessidade sentida pelos homens de derivar prazer de seus processos de pensamento está portanto criando constantemente novos chistes baseados nos novos interesses do dia." (Freud, <1905>, op.c., VIII: 149).

⁶⁰ Convém não perder de vista que "**o infantil é a fonte do inconsciente** e os processos de pensamento inconsciente são exactamente aqueles produzidos na tenra

O Conceito de Representação

quer o avanço civilizacional⁶¹, tendem a fechar muitas das fontes de prazer acessíveis às crianças e aos humanos em estadios anteriores do desenvolvimento do processo civilizacional⁶², dando origem à emergência de **rebeliões** quer contra a "compulsão da lógica e da realidade", quer contra as autoridades⁶³ e as instituições⁶⁴ que representam esse tipo de repressão externa, social, quer ainda, nomeadamente, contra o cerceamento da liberdade sexual⁶⁵ e de pensamento⁶⁶, tanto

infância. O pensamento que, com a intenção de construir um chiste, mergulha no inconsciente está meramente procurando lá a antiga pátria de seu primitivo jogo com palavras. O pensamento retroage por um momento ao estágio da infância de modo a entrar na posse, uma vez mais, da fonte infantil de prazer." (Freud, <1905>, OPC., VIII: 194; d.n.).

- ⁶¹ "A renúncia progressiva aos instintos [pulsões] constitucionais, cuja activação proporcionaria o prazer primário do ego, parece ser uma das bases do desenvolvimento da civilização humana." (Freud, <1907>, OPC., IX: 130). Convém no entanto acrescentar que o desenvolvimento da civilização humana consiste essencialmente, para além da busca de segurança, na busca de reencontrar, sob novas formas criadas por nós, o prazer perdido e apenas aparentemente renunciado: "(...) quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou.. **Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra.** O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação, de um substituto ou sub-rogado." (Freud, <1908>, OPC., IX: 151).
- ⁶² "Acreditamos que a civilização e a educação de nível mais alto têm larga influência no desenvolvimento da repressão e supomos que, em tais condições, a organização psíquica sofre uma alteração (que também emerge como uma disposição herdada) em consequência de que, aquilo que foi inicialmente sentido como agradável, torna-se então inaceitável e é rejeitado com toda a força psíquica possível. A actividade repressiva da civilização faz com que as possibilidades primárias de fruição, agora repudiadas pela censura, se percam." (Freud, <1905>, OPC., VIII: 121).
- ⁶³ "A prevenção das invectivas ou das réplicas insultuosas por circunstâncias externas é um caso tão comum que os chistes tendenciosos são especialmente utilizados para possibilitar a agressividade ou a crítica contra pessoas em posições elevadas, que reivindicam o exercício da autoridade. O chiste assim representa uma rebelião contra tal autoridade, uma liberação de sua pressão. O fascínio das caricaturas baseia-se no mesmo factor: rimos delas, mesmo se mal sucedidas, simplesmente porque consideramos um mérito a rebelião contra a autoridade." (Freud, <1905>, OPC., VIII: 125).
- ⁶⁴ "Mas o objecto de ataque pelo chiste pode ser igualmente contra instituições, pessoas enquanto representantes de instituições, dogmas morais ou religiosos, concepções de vida que desfrutem de tanto respeito que só sofrem objecções sob a máscara do chiste e, mesmo, de um chiste ocultado por sua fachada." (Freud, <1905>, OPC., VIII: 129).
- ⁶⁵ "Não existe reivindicação mais pessoal que a da liberdade sexual e em nenhum outro ponto a civilização exerceu supressão mais severa que na esfera da sexuali-

O Conceito de Representação

mais quanto a hierarquização social veio dar a pequenas minorias "sobrevalorizadas" as possibilidades de gratificação imediata dos desejos que retirou às grandes maiorias, e quanto o "progresso" não cumpriu as expectativas de vencer a natureza e de tornar mais agradável a vida social.

A "representação indirecta", nomeadamente nos chistes e, mais em geral, na "actividade imaginativa", é assim posta ao serviço da **reabertura das fontes de prazer** entretanto fechadas⁶⁷ bem como ao serviço da **rebelião contra a lógica e contra as formas frustrantes da realidade natural e social**⁶⁸.

17. O facto de a censura psíquica estar estreitamente associada às necessidades de desenvolvimento não só da vida pessoal mas também da vida social e civilizacional não escapa, desde o início, a Freud, e virá a obrigá-lo a rever a teoria do aparelho psíquico para, por um lado, introduzir o conceito de **superego**⁶⁹ (a fim de poder tomar em

dade." (Freud, <1905>, OPC., VIII: 131). Freud associará a repressão sexual à "retardação do desenvolvimento e da actividade sexual a que aspiram nossa civilização e educação (...)". (Freud <1908>, OPC., IX: 201).

⁶⁶ "Pois o homem é um 'incansável buscador do prazer' (...) qualquer renúncia de um prazer já desfrutado é dura para ele. Com o eufórico *nonsense* (...), por exemplo, o estudante tenta recuperar seu prazer na liberdade de pensar, da qual vai sendo mais e mais privado pela aprendizagem da instrução académica. (...) Sob a influência do álcool o adulto torna-se outra vez uma criança, tendo de novo o prazer de dispor de seus pensamentos livremente sem observar a compulsão da lógica." (Freud, <1905>, OPC., VIII: 149-150). "Os chistes nunca são efectivamente não tendenciosos, mesmo se o pensamento neles contido é não tendencioso e apenas serve aos interesses intelectuais teóricos. Eles perseguem um segundo objectivo: promover o pensamento, aumentando-o e guardando-o da crítica." (idem: 155-156).

⁶⁷ "Um chiste nos permite explorar no inimigo algo de ridículo que não poderíamos tratar aberta ou conscientemente, devido a obstáculos no caminho; ainda uma vez, o chiste evitará as restrições e abrirá fontes de prazer que se tinham tornado inacessíveis." (Freud, <1905>, OPC., VIII: 123).

⁶⁸ "Muito mais poderosas são as restrições impostas à criança durante o processo educacional, quando se introduz no pensamento lógico e na distinção entre o que é falso e o que é verdadeiro na realidade; por essa razão a rebelião contra a compulsão da lógica e da realidade é profunda e duradoura. Mesmo o fenómeno da actividade imaginativa pode ser incluída nessa categoria [rebelde]." (Freud, <1905>, OPC., vol. VIII: 148).

⁶⁹ Uma instância associada à "cessação da reflexão" baseada na curiosidade sexual infantil. (Freud, <1908>, OPC., IX: 217). A **inibição sexual** das crianças virá a ser reforçada pela **inibição religiosa** e pela **inibição "lealista" para com os pais e os educadores**. (Freud, <1908>, OPC., IX: 203).

O Conceito de Representação

consideração o processo de idealização sócio-cultural, baseado na projeção do narcisismo infantil sobre as figuras parentais e sobre as instituições sociais e grupos de identificação, processo esse em que se apoia a censura) e, por outro lado, para passar à **análise da pluralização da organização e das dinâmicas familiar, social, política e cultural**, naquilo em que estas parcialmente decorrem da projeção sobre o mundo externo da **tripla dimensão dos processos psíquicos – a dimensão estruturante, a dimensão defensiva ou securizante e a dimensão criativa**.

Nesta perspectiva mais integrativa, o conflito psíquico não resulta apenas da **defesa da coerência da "massa dominante de ideias"** que é o ego, contra as ideias incompatíveis, que serão recalçadas para o inconsciente, mas também e principalmente do **desenvolvimento do processo socio-cultural e civilizacional**, na medida em que este descarta a necessidade psíquica de prazer, de realização pessoal e de felicidade, nomeadamente de origem libidinal. Não escapa igualmente a Freud, que esse desenvolvimento instaura assimetrias sociais⁷⁰, que emergem por apoio na estrutura familiar e, nomeadamente, na tensão intergeracional⁷¹, assimetrias sociais essas que dão origem a um novo tipo de traumas, a novos padrões expressivos e a um novo tipo de rebeliões.

⁷⁰ "O que estes chistes sussurram pode ser dito em voz alta: que as vontades e desejos dos homens têm o direito de se tornarem aceitáveis ao lado de uma moralidade severa e cruel. Actualmente se tem dito em sentenças estimulantes e fortes que a moralidade é apenas uma prescrição egoística postulada pelos poucos que são ricos e poderosos e que podem satisfazer as suas necessidades a qualquer tempo, sem adiamento. Na medida em que a arte de curar não tem prosseguido em assegurar (a eternidade de) nossa vida e na medida em que os arranjos sociais não a têm tornado mais agradável, será impossível sufocar dentro de nós a voz que se rebela contra as exigências da moralidade. (...) só a continuidade de tantas exigências insatisfeitas há de desenvolver o poder de mudança da ordem social." (Freud, <1905>, OPC., VIII: 130-131). Freud desenvolverá esta problemática em *O malestar na civilização* (1930).

⁷¹ "Ao crescer o indivíduo liberta-se da autoridade dos pais, o que constitui um dos mais necessários, ainda que mais dolorosos, resultados do curso do seu desenvolvimento. Tal libertação é primordial e presume-se que todos os que atingiram a normalidade lograram-na pelo menos em parte. Na verdade, todo o progresso da sociedade repousa sobre a oposição entre gerações sucessivas." (Freud, <1909>, OPC., IX: 243). A libertação da autoridade dos pais reais pode ser acompanhada do esforço para submeter-se a "pais superiores" que relembrem os pais "sobrevvalorizados" da primeira infância. (idem: 246).

O Conceito de Representação

18. As principais complexificações devidas ao processo civilizacional baseadas na tensão intergeracional⁷², parecem dirigir-se, por um lado, à progressiva **inibição dos desejos primários ou infantis**⁷³, ao **serviço do alargamento das relações sociais**⁷⁴ e, por outro lado, e em função da ambivalência, à **satisfação simbólica desses mesmos desejos infantis mutilados pela expansão social e, particularmente, dos desejos de onipotência**, pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, bem como de instituições compensatórias, como a religião⁷⁵ e a arte, pelo investimento narcísico da "renúncia cultural" e da sublimação e, sobretudo, pela hierarquização social e pelo antagonismo identitário grupal e político.

Uma complexificação inesperada advem, como vimos, de que, na

⁷² "O tabu é **uma proibição primeva forçadamente imposta (por alguma autoridade) de fora**, e dirigida contra os anseios mais poderosos a que estão sujeitos os seres humanos. O desejo de violá-lo persiste no inconsciente; aqueles que obedecem ao tabu têm uma atitude ambivalente quanto ao que o tabu proíbe." (Freud, 1912-13, OPC., XIII: 55). Na estrutura da família, e no que respeita ao tabu do incesto na relação filho-mãe, essa autoridade é o pai. Mitos das origens e, nomeadamente os védicos, mostram que a **compensação** derivada faz aparecer o filho como aquele que impede o incesto pai-filha e como aquele que tem direito ao casamento com a irmã (incesto fraterno). O segundo movimento de expansão dos processos sociais, após a "renúncia à mãe", passará pela "renúncia às irmãs" e pela troca de mulheres (aliança).

⁷³ "Essas proibições [tabus] dirigem-se principalmente contra a **liberdade de prazer** e contra a **liberdade de movimento e comunicação**." (Freud <1912-13>, OPC., XIII: 41; d.n.). "Como no caso do tabu, a principal proibição, o núcleo da neurose, é contra o tocar, e daí ser às vezes conhecida como 'fobia do contacto', ou *délire du toucher*. A proibição não se aplica meramente ao contacto físico imediato, mas tem uma expressão tão ampla quanto o emprego metafórico da expressão 'entrar em contacto com'." (idem: 47). "O tocar é o primeiro passo no sentido de obter qualquer espécie de contróle sobre uma pessoa ou objecto ou de tentar fazer uso dos mesmos." (idem: 54).

⁷⁴ "Chegamos ao ponto de considerar a relação de uma criança com os pais, dominada como é por **desejos incestuosos**, como o complexo nuclear das neuroses." (Freud, <1912-13>, OPC., XIII: 37). (...) eles [os aborígenes australianos] estabeleceram para si próprios, com o maior escrúpulo e o mais severo rigor, o propósito de evitar relações sexuais incestuosas. Na verdade, toda a sua **organização social** parece servir a esse intuito ou estar relacionada com a sua consecussão." (Freud <1912-13>, OPC., XIII: 21).

⁷⁵ "A inibição mútua das duas forças conflitantes produz uma necessidade de descarga, a fim de reduzir a tensão predominante, e a isso pode ser atribuída a razão para a realização de actos obsessivos (...) actos substitutivos destinados a **compensar o instinto pelo que foi proibido**." (Freud, <1912-13>, OPC., XIII: 50; d.n.).

O Conceito de Representação

medida em que as compensações tendem a revelar-se insuficientes, surgem **rebeliões quer contra a repressão social dos desejos libidinais primários quer contra as instituições que a corporificam** (o casamento, a escola, o exército, o aparelho de Estado, etc.) e quer ainda contra **os representantes sociais da "renúncia cultural" e do movimento civilizacional** – as elites de pais⁷⁶ e autoridades, acusadas de obterem para si o que proíbem à grande maioria. Com essas rebeliões e reivindicações passa de latente a manifesto o "malestar na civilização", inerente à miséria sexual, psíquica e social das massas oprimidas, em geral, e dos jovens, em particular. A sua forma disfarçada é a depressão psiquiatrizada, que pode ser racionalizada cientificamente, como meramente orgânica, isto é, como acidental e desprovida de sentido.

III. O Além Sócio-Cultural e Histórico da Psicanálise

19. Se nos perguntarmos agora como se situam os conceitos iniciais de projecção e de representação no nível sócio-cultural e histórico, termos estabelecido as bases para, seguindo Freud, os reequacionar,

A "**projecção**", não só enquanto mecanismo de defesa típico da paranóia⁷⁷ como enquanto "mecanismo normal", está profundamente **associada ao narcisismo**, tanto pessoal⁷⁸ como colectivo⁷⁹ e emerge como uma reacção à frustração narcísica primária. Aproveitando as

⁷⁶ "O modelo no qual os paranóicos baseiam seus delírios de perseguição é a relação de uma criança com o pai. A imagem que um filho faz do pai é habitualmente investida de poderes excessivos desta espécie e descobre-se que a desconfiança do pai está intimamente ligada à admiração por ele. Quando um paranóico transforma a figura de um de seus associados num 'perseguidor', está elevando-o à categoria de pai: está colocando-o numa posição em que possa culpá-lo por todos os seus infortúnios. Assim, esta segunda analogia entre selvagens e neuróticos nos dá um vislumbre de que grande parte da atitude de um selvagem para com seu governante provém da atitude infantil de uma criança para com o pai." (Freud, <1912-13>, OPC., XIII: 71).

⁷⁷ "A finalidade da paranóia, portanto, é rechaçar uma ideia incompatível com o ego, projectando seu conteúdo no mundo externo." (Freud, Reacunho H, anexo à carta a Fliess de 24 de Janeiro de 1895, in Masson, 110)

⁷⁸ "Em cada um desses casos, a ideia delirante é sustentada com a mesma energia com que uma outra ideia, insuportavelmente aflitiva, é rechaçada para longe do ego. Assim, eles amam *seus delírios como amam a si mesmos*." (idem: 112)

⁷⁹ "A grande nation não consegue enfrentar a ideia de que possa ter sido derrotada na guerra. Logo, não foi derrotada; a vitória não vem ao caso. Isto fornece um exemplo de paranóia em massa e inventa o delírio de traição." (idem: 111)

O Conceito de Representação

alternativas abertas pela dupla orientação da ambivalência, traduz-se quer na **projectão legitimante da agressividade reactiva e/ou das deficiências narcísicas sobre o próprio alvo da agressão real ou fantasiada**⁸⁰ (como nos casos da feitiçaria e da hostilidade xenofóbica e patriótica, que Freud associa ao "narcisismo das pequenas diferenças"), quer na **projectão religiosa**, baseada na percepção endopsíquica, do conflito psíquico decorrente das frustrações inerentes ao processo civilizacional e da correspondente complexificação do aparelho e dos processos psíquicos, **projectão essa efectuada sobre o mundo dos mitos**⁸¹, **que passará a ser investido do amor anteriormente destinado a si mesmo** ("*eles amam seus delírios como amam a si mesmos*").

Dito de outro modo, a **projectão** está na base dos "delírios sociais" (anteriormente reconhecidos por Marx e por Durkheim) e **expressa a ambivalência quanto ao mundo externo frustrante e ameaçador**, quer justificando a agressão sobre ele quer defendendo-o da agressão, sobrevalorizando neste caso o mundo de pertença e de referência sob a forma de "tradição venerável e intocável" que é preciso defender da agressão de outros.

A sua forma histórica apresenta-se como a "guerra sagrada", associada a uma das formas primárias do "sacrifício" (o "bode expiatório") e secundariamente, à sobrehierarquização abolutista, resultan-

⁸⁰ "Ambos os conjuntos de sentimentos (os afectuosos e os hostis) (...) procuram actuar por ocasião do luto, como desolação e como satisfação. (...) Em vez disso, o processo é conduzido pelo mecanismo especial conhecido em psicanálise (...) pelo nome de 'projectão'. A hostilidade, da qual os sobreviventes nada sabem e, além disso, nada desejam saber, é expelida da percepção interna, sendo assim desligada deles e empurrada para outrem. (...); aliviaram-se da pressão provinda de dentro, mas apenas a trocaram pela opressão vinda de fora. (:::) Mas a projectão não foi criada com o propósito de defesa; ela também ocorre onde não há conflito. A projecção de percepções internas para fora é um mecanismo primitivo, ao qual, por exemplo, estão sujeitas as nossas percepções sensoriais, e que assim, normalmente desempenha um papel muito grande na determinação da forma que toma nosso mundo exterior. (...) em virtude da projecção das percepções internas para fora, os homens primitivos chegaram a uma representação do mundo externo que nós, com nossa percepção consciente intensificada, temos hoje de traduzir novamente para a psicologia." (Freud, <1912-13>, OPC., XIII: 84-86).

⁸¹ "Você consegue imaginar o que sejam 'mitos endopsíquicos'? (...) A ténue percepção interna do <nosso> próprio aparelho psíquico estimula ilusões do pensamento, que, naturalmente, são projectadas para o exterior e, tipicamente, para o futuro e o além. A imortalidade, a recompensa e todo o além, tudo são reflexos de noss <mundo> psíquico interno. (...) Psicomitologia." Freud, carta a Fliess de 12 de Dezembro de 1897, in Masson, idem: 287).

O Conceito de Representação

te, em ambos os casos da **sobrevalorização das fronteiras defensivas** (isto é, a nível corporal, da pele) bem como dessa forma de diferenciação extremada entre o mundo interno (bom, puro, seguro) e o mundo externo (mau, impuro, ameaçador) que Freud designa por "purificação", expressando a ambivalência quanto à efracção dessas mesmas fronteiras narcísicas (corporais, psíquicas, relacionais e políticas). A sua forma literária é a tragédia.

20. Pelo seu lado, a "**representação**" surge ao serviço da reacção compensatória dos danos provocados pela "renúncia cultural", inerente ao processo civilizacional "aceite", e a sua forma histórica constitui a forma secundária do "sacrifício" (a assumpção pelo sujeito-filho do papel simultâneo de sacerdote e de vítima, a fim de repôr a ordem primitiva perturbada pela violência externa, parental e política), abrindo caminho ao desejo de crescer e ao desejo de felicidade. Como Freud relembra, "*a felicidade é a realização retardada de um desejo pré-histórico.*"⁸²

Por apoio na "identificação" e na "idealização", e uma vez aceites a abertura parcial e a permeabilidade das fronteiras defensivas, quer ao serviço do desenvolvimento pessoal quer ao serviço do desenvolvimento colectivo, a "representação" aceita de forma ambígua a **lei da morte**, isto é, a lei da substituição adiada das gerações (e, portanto, do adiamento do "confronto") bem como a **lei da hierarquização social** (decorrente da substituição da inveja narcísica primária pelo investimento da Lei dos antepassados), "familiarizando" as estruturas do poder político, económico e religioso, **não sem encenar e dramatizar compensatoriamente as realizações disfarçadas dos desejos recalçados de imortalidade, onipotência, domínio e preferência, quer do Ego quer dos grupos sociais de identificação**, em sonhos, mitos, produções literárias e artísticas e novas instituições sociais, como a democracia. As suas formas literárias são a poesia lírica, épica e dramática, bem como o romance e o drama.

21. A meio caminho entre a projecção e a representação, para além da ambivalência (dos sentimentos) e da ambiguidade (da linguagem), mas utilizando-se dos recursos inerentes a ambas, **o chiste** rejeita os compromissos (como o faz a projecção) e rejeita a **Lei da renúncia cultural** (apenas na sua forma actual e seja qual for essa forma) bem

⁸² Freud, carta a Fliess de 15 de Janeiro de 1898, in Masson, idem: 295.

O Conceito de Representação

como a **Lei da morte** (que submete ao humor), ensaiando testar a eficácia da rebeldia na reabertura das fontes perdidas de prazer, substituindo a procura da felicidade perdida pela do riso reencontrado. Para além da guerra e da religião, a sua forma social é o "anarquismo" em todas as suas variantes (da arte à crítica da vida quotidiana). A sua forma literária é a comédia.

22. Ao apresentar este documento de trabalho, inacabado e aberto à revisão, pretendemos, por um lado, salientar a profunda continuidade que vai do trabalho neurofisiológico de Freud, habitualmente desconhecido ou rejeitado, às suas descobertas no campo da psicologia da vida mental, incompreensíveis quando desligadas da sua teoria ontogenético-familiar e da sua teoria sócio-cultural e civilizacional. Seja quais forem as críticas da neurofisiologia actual ao trabalho pioneiro de Freud nessa área, os conceitos de projeção e de representação foram por ele retirados do seu **encarceramento disciplinar** nas áreas médica e filosófica e aproveitados para estruturar a mais abrangente das teorias antropológicas até hoje conhecida, certamente imperfeita mas impressionantemente heurística e integrativa.

Por outro lado, pretendemos relançar a **polémica epistemológica** que opõe as estratégias do cartesianismo atomístico e racionalista, sobre o qual se apoia a boa consciência que preside ao estilhaçamento e à babelização das ciências sociais e humanas, profundamente incongruentes entre si, ao **epistema estrutural-dinâmico e integrativo** de Freud (prenunciado pelos grandes teóricos do evolucionismo e do conflito, como Marx e Darwin), epistema esse capaz de articular a **dimensão sistémica e transformacional**, bioecológica, que possibilita colocar os fenómenos humanos e sociais na continuidade da evolução animal, com a sua **dimensão psicossocial, dramática e problemática**, associada ao **salto antropológico**, que os especifica cultural e historicamente.